Ñanduty
ISSN:2317-8590

Volume 14 | Número 23 | 2026

Entre giras e territórios: corporeidade, resistência e produção de saberes em um terreiro de umbanda em Dourados-MS

Entre giras y territorios: corporeidad, resistencia y producción de saberes en un terreiro de umbanda en Dourados-MS

Between giras and territories: corporeality, resistance, and knowledge production in an umbanda terreiro in Dourados-MS

Kaio da Silva Barcelos
Universidade Federal da Grande Dourados
E-mail: kaiobarcelos07@gmail.com[1]
ORCID: http://orcid.org/0000-0001-5913-2874

Sérgio Antonio Gracia
Templo Escola Iansã Senhora dos Ventos
E-mail: sergio61.gracia@gmail.com[2]
ORCID: https://orcid.org/0009-0007-0317-3635

Resumo
Este relato de experiência apresenta a trajetória do Templo Escola de Umbanda Iansã Senhora dos Ventos (TESV), localizado em Dourados-MS, analisando-o como território de formação, resistência e produção de saberes afro-brasileiros. O estudo objetiva compreender como o terreiro articula espiritualidade, educação e ação comunitária por meio de práticas

[1] Doutor e Mestre em Educação (PPGEdu/UFGD). Especialista em Educação Especial e Dificuldades de Aprendizagem pela Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Especialista em Análise do Comportamento Aplicada (ABA) no atendimento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista pela Faculdade Iguaçu. Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Licenciado e Bacharel em Educação Física pelo Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN). Professor Substituto da Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Coordenador do Núcleo de Educação Especial da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Dourados-MS.

[2] Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Fátima do Sul (1986), Habilitações: Magistério das Matérias Pedagógicas do Ensino Médio; Supervisão Escolar; Orientação Educacional. Mestrado em Educação pela Universidade Estadual do Centro Oeste (2000) em convênio com a Universidade de Campinas — Unicamp. TAE — Técnico em Assuntos Educacionais na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS (aposentado). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em formação de professores, metodologia do ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: formação, planejamento; interação; formação continuada; prevenção, gestão escolar. Experiência em Avaliação Institucional, Elaboração de Projetos Pedagógicos de Cursos Superiores, Plano de Desenvolvimento Institucional — PDI, Plano Pedagógico Institucional — PPI, Normatização (interna) do Ensino Superior, Organização de Eventos Educacionais.

mediúnicas, educativas e sociais. A experiência é discutida a partir de três eixos principais: o Educandário, voltado à formação de crianças e adolescentes; a Jornada de Educação e Desenvolvimento Mediúnico; e as ações sociais desenvolvidas junto à comunidade. O texto também problematiza as tensões relacionadas à branquitude, ao racismo religioso e às disputas de legitimidade presentes na condução de uma religião de matriz africana por lideranças LGBTQIAPN+ brancas. Além disso, analisa a centralidade do corpo na experiência religiosa, compreendendo-o como território de aprendizagem, memória e resistência. Os resultados evidenciam que o terreiro se configura como espaço de acolhimento, produção de pertencimento e enfrentamento às desigualdades sociais, articulando práticas antirracistas, inclusivas e comunitárias. Conclui-se que a Umbanda, no contexto do TESV, ultrapassa a dimensão estritamente religiosa, constituindo-se como prática política, educativa e cultural de resistência e transformação social.
Palavras-chave: umbanda; corporeidade; educação comunitária; antirracismo; diversidade; resistência.

Resumen
Este relato de experiencia presenta la trayectoria del Templo Escola de Umbanda Iansã Senhora dos Ventos (TESV), ubicado en Dourados-MS, analizándolo como territorio de formación, resistencia y producción de saberes afrobrasileños. El estudio tiene como objetivo comprender cómo el terreiro articula espiritualidad, educación y acción comunitaria por medio de prácticas mediúmnicas, educativas y sociales. La experiencia es discutida a partir de tres ejes principales: el Educandario, orientado a la formación de niños, niñas y adolescentes; la Jornada de Educación y Desarrollo Mediúmnico; y las acciones sociales desarrolladas junto a la comunidad. El texto también problematiza las tensiones relacionadas con la blanquitud, el racismo religioso y las disputas de legitimidad presentes en la conducción de una religión de matriz africana por liderazgos LGBTQIAPN+ blancos. Además, analiza la centralidad del cuerpo en la experiencia religiosa, comprendiéndolo como territorio de aprendizaje, memoria y resistencia. Los resultados evidencian que el terreiro se configura como un espacio de acogida, producción de pertenencia y enfrentamiento de las desigualdades sociales, articulando prácticas antirracistas, inclusivas y comunitarias. Se concluye que la Umbanda, en el contexto del TESV, supera la dimensión estrictamente religiosa, constituyéndose como una práctica política, educativa y cultural de resistencia y transformación social.
Palabras clave: umbanda; corporeidad; educación comunitaria; antirracismo; diversidad; resistencia.

Abstract
This experience report presents the trajectory of the Templo Escola de Umbanda Iansã Senhora dos Ventos (TESV), located in Dourados, Mato Grosso do Sul, Brazil, analyzing it as a territory of formation, resistance, and production of Afro-Brazilian knowledge. The study aims to understand how the terreiro articulates spirituality, education, and community action through mediumistic, educational, and social practices. The experience is discussed based on three main axes: the Educandário, focused on the formation of children and adolescents; the Journey of Education and Mediumistic Development; and the social actions developed within the community. The text also problematizes tensions related to whiteness, religious racism, and disputes over legitimacy present in the leadership of an Afro-Brazilian religion conducted by white LGBTQIAPN+ leaders. In addition, it analyzes the centrality of the body in religious experience, understanding it as a territory of learning, memory, and resistance. The findings

demonstrate that the terreiro is configured as a space of welcoming, belonging, and confrontation of social inequalities, articulating anti-racist, inclusive, and community-based practices. It is concluded that Umbanda, within the context of TESV, goes beyond a strictly religious dimension, constituting itself as a political, educational, and cultural practice of resistance and social transformation.
Keywords: umbanda; corporeality; community education; anti-racism; diversity; resistance.

Introdução

A umbanda é uma religião brasileira de matriz africana e indígena que se constituiu no encontro de diferentes tradições culturais e espirituais. Embora desempenhe um papel central na resistência cultural afro-brasileira, ainda sofre os impactos do racismo religioso e das práticas discriminatórias que marcam a sociedade brasileira (Gonzalez, 1983; Carneiro, 2005). Nesse contexto, os terreiros tornam-se territórios de resistência e de acolhimento, não como espaços de "salvação", mas como lugares de luta e afirmação de identidades historicamente marginalizadas.

A expansão da umbanda ou das umbandas pelo Brasil contribuiu para consolidá-la como uma das principais religiões de matriz africana. Entretanto, sua trajetória não esteve livre de perseguições históricas. Como demonstra Barreto Junior (2021), o Código Penal de 1890 criminalizava práticas como o curandeirismo e o espiritismo, atingindo diretamente os terreiros e inviabilizando o livre exercício da religiosidade afro-brasileira. Essa repressão se estendeu ao longo do século XX, com invasões policiais, registros compulsórios e legislações restritivas que reforçaram a marginalização dessas práticas religiosas. Mesmo com os avanços da Constituição de 1988, episódios de intolerância religiosa ainda se fazem presentes, revelando a permanência do racismo religioso no país. Em Dourados (MS), a presença da umbanda também é marcada por resistências e preconceitos, em um contexto no qual predomina a hegemonia cristã.

Compreender a umbanda também exige reconhecer a centralidade do corpo na vivência religiosa. É pelo corpo que se expressam os gestos, as posturas, as percepções e as sensações que possibilitam a conexão com o sagrado, bem como a aprendizagem e a transmissão de saberes ancestrais. No terreiro, o corpo não é apenas receptáculo da fé, mas território de memória, identidade e resistência, marcado por diferenciações e intersecções de raça, gênero e sexualidade. Dessa

forma, o corpo se afirma como lugar de encontro entre espiritualidade e experiência social, revelando a dimensão viva e transformadora da religião.

Assim, corpo, território e religiosidade articulam-se como dimensões inseparáveis das experiências vividas nos terreiros, especialmente em contextos marcados por disputas raciais, políticas e urbanas.

Essa compreensão dialoga com Mauss (2003), ao reconhecer que as técnicas do corpo são socialmente construídas e aprendidas coletivamente. No contexto religioso, os gestos, as posturas, os cantos, as danças e os modos de incorporação constituem práticas corporais transmitidas no interior da tradição. Do mesmo modo, Csordas (2002) compreende o corpo como fundamento da experiência religiosa, sendo por meio dele que os sujeitos percebem, sentem e significam o sagrado.

Este relato tem por objetivo apresentar a experiência do Templo Escola de Umbanda Iansã Senhora dos Ventos, localizado em Dourados-MS. Conduzido por lideranças LGBTQIAPN+ brancas, o terreiro se propõe a ser uma escola de umbanda, promovendo práticas mediúnicas, formativas e sociais, ao mesmo tempo que enfrenta tensões ligadas à raça, ao racismo religioso e ao preconceito estrutural. Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Freire (1996), ao compreender a educação como prática construída coletivamente a partir das experiências culturais e sociais dos sujeitos, valorizando processos de diálogo, pertencimento e transformação social.

Relato de experiência

O terreiro como escola de umbanda

O Templo Escola de Umbanda Iansã Senhora dos Ventos, popularmente conhecido como TESV, foi fundado em abril de 2017 e desde então se consolida na cidade de Dourados (MS) como um espaço religioso, social e educativo. Desde sua origem, a constituição do terreiro foi orientada pelo mentor espiritual, Sr. Ogum Rompe Mato, que estabeleceu dois princípios fundamentais para sua existência no plano material: a legalidade e a educação.

O princípio da legalidade implicou a formalização do terreiro como organização religiosa, com CNPJ, diretoria executiva e conselho deliberativo e fiscal. Entretanto,

essa formalização ultrapassa questões burocráticas e revela uma estratégia política de resistência frente à histórica marginalização das religiões de matriz africana no Brasil. Em um contexto marcado pelo racismo religioso e pela negação da legitimidade dessas práticas, ocupar juridicamente o espaço social significa também disputar reconhecimento, cidadania e direito à existência pública.

O princípio da educação, por sua vez, deu forma à identidade do terreiro como templo escola, estruturado atualmente em três eixos principais: a Jornada de Educação e Desenvolvimento Mediúnico, voltada à formação teórico-prática de médiuns e simpatizantes; o Educandário, destinado a crianças e adolescentes da comunidade, que integra religiosidade, identidade cultural e valores de cidadania; e os estudos abertos à comunidade, que promovem diálogo e disseminação de saberes umbandistas em conexão com a sociedade em geral. Dessa forma, a articulação entre legalização institucional e compromisso educativo consolidou o TESV como território de fé e conhecimento, reafirmando a umbanda como prática viva e espaço de resistência, formação e acolhimento.

Nesse processo, a aprendizagem no terreiro não ocorre apenas pela transmissão oral de conhecimentos, mas também pela incorporação de práticas, comportamentos e modos de agir coletivamente compartilhados. A experiência religiosa é construída corporalmente, por meio da observação, da repetição dos gestos rituais, da escuta dos pontos cantados e da convivência comunitária, aproximando-se da noção de habitus proposta por Bourdieu (1983), entendida como conjunto de disposições socialmente incorporadas.

O educandário

O Educandário do Templo Escola Iansã Senhora dos Ventos é fruto de uma proposição de um então filho da casa no ano de 2023, com o objetivo central de proporcionar às crianças da comunidade do terreiro experiências e vivências, criando oportunidades para o aprendizado de forma lúdica da religião de umbanda, dos fundamentos e ensinamentos. Considera-se que as crianças representam o futuro da religião e da comunidade do terreiro, uma vez que nelas está depositada a continuidade da fé, dos ensinamentos e das práticas culturais transmitidas entre as

gerações. Nesse sentido, investir em sua formação não se limita ao aspecto religioso, mas constitui também um compromisso social e educativo, assegurando que os valores de respeito, solidariedade, diversidade e cidadania sejam preservados e fortalecidos.

Em um cenário no qual as religiões de matriz africana ainda são frequentemente associadas à marginalidade e ao preconceito, propor um espaço educativo voltado às crianças também representa uma disputa simbólica sobre quais saberes podem ser legitimados socialmente. O Educandário rompe com a lógica que historicamente invisibilizou conhecimentos afro-brasileiros e indígenas nos processos formais de educação, afirmando o terreiro como espaço legítimo de produção de conhecimento, memória e formação cultural.

Dessa forma, o Educandário não se limita à transmissão de fundamentos religiosos. Ele propõe atividades que articulam ensino lúdico, contação de histórias, cantos, rodas de conversa e oficinas que resgatam elementos afro-brasileiros, indígenas e da diversidade cultural brasileira. As atividades desenvolvidas no Educandário extrapolam a transmissão de conteúdos religiosos e produzem experiências coletivas de pertencimento e reconhecimento identitário. Em um contexto social atravessado pelo racismo religioso, ensinar crianças a valorizarem elementos afro-brasileiros e indígenas constitui uma prática de resistência cultural e fortalecimento subjetivo, especialmente diante de narrativas sociais que historicamente inferiorizaram essas tradições.

Essas experiências também produzem formas coletivas de sociabilidade, afetividade e pertencimento que atravessam o cotidiano religioso. Conforme Oliveira (2012), os vínculos construídos no interior das religiões de matriz africana extrapolam dimensões estritamente ritualísticas, constituindo redes simbólicas e morais que orientam modos de convivência, aprendizado e construção identitária.

Essas aprendizagens não se desenvolvem apenas no plano cognitivo, mas também no corpo e nas experiências sensíveis das crianças. Os cantos, as palmas, as rodas, as danças e as expressões corporais presentes nas atividades possibilitam que os conhecimentos sejam vivenciados coletivamente, reforçando vínculos de pertencimento e ancestralidade. Conforme Mauss (2003), as técnicas corporais são

construídas socialmente, de modo que aprender no terreiro também significa aprender formas específicas de mover-se, sentir, respeitar e ocupar o espaço ritual.

A criação do Educandário revela o compromisso do terreiro de assumir um papel ativo na formação integral das novas gerações. Em um contexto social em que a infância frequentemente é alvo de exclusão ou invisibilidade, oferecer um espaço pedagógico que integra religiosidade, identidade cultural e valores comunitários representa um ato político e educativo de resistência. Ao resgatar saberes afro-brasileiros e indígenas, o projeto contribui para a valorização de heranças historicamente marginalizadas e para a construção de identidades positivas desde cedo.

Ao mesmo tempo, o Educandário tensiona os limites entre educação formal e educação comunitária, mostrando que os processos de ensino-aprendizagem extrapolam os muros da escola. A pedagogia construída no terreiro não se restringe a conteúdos religiosos, mas promove uma formação ética e cidadã que dialoga diretamente com as demandas contemporâneas de respeito à diversidade e enfrentamento das práticas discriminatórias. Nesse sentido, o projeto se alinha a concepções críticas de educação que compreendem a criança como sujeito ativo e produtor de cultura.

A jornada de educação e desenvolvimento mediúnico

A Jornada de Educação e Desenvolvimento Mediúnico do TESV constitui-se como proposta fundante da casa, buscando articular teoria e prática como forma de introduzir e preparar os participantes para a caminhada mediúnica.

Até o ano de 2025, o TESV havia formado três turmas da Jornada de Educação e Desenvolvimento Mediúnico, sendo a terceira concluída em dezembro daquele ano, alcançando quase duzentos participantes. A Jornada não se restringe à transmissão sistematizada de fundamentos religiosos, mas constitui um espaço de construção coletiva de pertencimento, disciplina ritual e identidade religiosa. Em uma sociedade que frequentemente criminaliza ou estigmatiza práticas afro-brasileiras, oferecer um

espaço estruturado de formação em umbanda também representa uma ação política de valorização e preservação desses saberes ancestrais.

O desenvolvimento mediúnico envolve processos profundamente corporificados. É pelo corpo que os médiuns aprendem a reconhecer sensações, perceber alterações energéticas, organizar gestos ritualísticos e construir formas de conexão com as entidades. O aprendizado não ocorre apenas pela racionalização dos fundamentos religiosos, mas pela experiência sensível do corpo no ritual. Nesse sentido, Csordas (2002) compreende a corporeidade como elemento central da experiência religiosa, enquanto Bastide (1961) já apontava que, nas religiões afro-brasileiras, o corpo ocupa posição fundamental na organização simbólica do transe e da possessão.

Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Rabelo (2022), ao compreender a religião não apenas como sistema de crenças, mas como prática vivida no cotidiano, construída por experiências corporais, relações sociais e formas compartilhadas de participação ritual.

É importante ressaltar que a Jornada não tem como objetivo formar médiuns exclusivamente para atuarem no TESV. Seu propósito é educativo e formativo, aberto a todos que desejem aprofundar seus conhecimentos sobre a umbanda e vivenciar o processo de desenvolvimento mediúnico. Contudo, participar da Jornada pode ser também um dos caminhos para integrar a corrente da casa, caso essa seja a escolha da pessoa e haja afinidade com o trabalho desenvolvido no terreiro, mediante aprovação do mentor espiritual.

Assim, a Jornada de Educação e Desenvolvimento Mediúnico reafirma o compromisso do TESV de unir espiritualidade, educação e cidadania, oferecendo à comunidade um espaço de aprendizado, acolhimento e formação ética. Mais do que preparar indivíduos para a prática mediúnica, a Jornada fortalece redes comunitárias de sociabilidade e pertencimento. A experiência compartilhada do desenvolvimento mediúnico produz vínculos afetivos, éticos e coletivos que tensionam formas individualizadas de religiosidade cada vez mais presentes na contemporaneidade.

Ao longo do processo, os participantes aprendem progressivamente modos específicos de cantar, saudar, incorporar, movimentar-se e silenciar no espaço ritual. Essas práticas constituem formas disciplinares do corpo, aproximando-se das

reflexões de Asad (1993), ao demonstrar que identidades religiosas também são produzidas por práticas corporais reiteradas no cotidiano comunitário.

Ações sociais

As ações sociais desenvolvidas pelo TESV evidenciam como a umbanda extrapola a dimensão estritamente espiritual e assume papel ativo no enfrentamento das desigualdades sociais. Em uma conjuntura marcada pela precarização das políticas públicas e pelo aumento das vulnerabilidades sociais, o terreiro se consolida como espaço de apoio material, acolhimento afetivo e mobilização comunitária.

A manutenção contínua dessas ações revela não apenas práticas solidárias, mas também a insuficiência do Estado em garantir direitos básicos à população. Nesse sentido, o terreiro passa a ocupar funções historicamente negligenciadas pelas políticas públicas, assumindo papel comunitário de proteção social.

Diante desses apontamentos, ressalta-se que o TESV foi oficialmente reconhecido como de utilidade pública no município de Dourados (MS), por meio da Lei 5.171, de 16 de fevereiro de 2024. Tal reconhecimento evidencia a relevância social da instituição e reforça seu compromisso com a promoção da cidadania, a valorização cultural e o fortalecimento das práticas comunitárias.

Contudo, a prática assistencialista por si só não é suficiente para resolver os problemas estruturais que atingem as populações atendidas. É necessário compreender essas ações também como denúncia das insuficiências do Estado em garantir direitos básicos, como alimentação, saúde e moradia. Ao mesmo tempo que supre necessidades imediatas, o TESV evidencia as lacunas das políticas públicas e, nesse sentido, sua atuação assume caráter crítico, funcionando como espaço de resistência frente à negligência estatal e à reprodução das desigualdades.

Além disso, o reconhecimento do terreiro como de utilidade pública transcende a legitimidade formal e aponta para a valorização simbólica de uma religião historicamente marcada pelo racismo religioso. Trata-se de um marco que não apenas valida a contribuição social do TESV, mas também reafirma a umbanda como patrimônio cultural e instrumento de cidadania. Esse reconhecimento, portanto, deve ser lido como conquista política, resultado da persistência de uma comunidade que

transforma fé em prática social, ampliando as fronteiras da religiosidade para o campo dos direitos e da justiça social.

Acolhimento e diversidade

O terreiro é conduzido por lideranças LGBTQIAPN+, um Pai de Santo e um Pai Pequeno homossexuais e uma Mãe Pequena lésbica, o que reforça seu caráter de acolhimento a pessoas historicamente marginalizadas. Já foram relatados casos de pessoas que, rejeitadas por suas famílias e por igrejas cristãs, encontraram no terreiro acolhimento, afeto e reconhecimento espiritual. Esse protagonismo ressignifica a ideia de liderança religiosa e reafirma o compromisso da umbanda com a pluralidade.

O acolhimento promovido pelo terreiro deve ser compreendido não apenas como gesto individual de aceitação, mas como construção coletiva de um espaço de pertencimento para sujeitos historicamente expulsos de diferentes instituições sociais e religiosas. Nesse contexto, o TESV tensiona modelos normativos de espiritualidade ao legitimar corpos, afetividades e identidades frequentemente marginalizadas nos discursos religiosos hegemônicos. A umbanda, nesse sentido, configura-se como território de proteção, reconstrução identitária e resistência cultural para pessoas que vivenciam experiências de rejeição, violência simbólica e exclusão social. Ao abrir suas portas para corpos e subjetividades dissidentes, o terreiro não apenas oferece suporte espiritual, mas também fortalece vínculos comunitários, amplia redes de sociabilidade e contribui para a superação da invisibilidade e para a afirmação de direitos de populações historicamente marginalizadas.

Todavia, é importante destacar que esse reconhecimento não ocorre sem resistências. O fato de lideranças religiosas LGBTQIAPN+ ocuparem posições de centralidade dentro do terreiro tensiona modelos tradicionais de liderança espiritual. Em uma sociedade marcada por estruturas de exclusão, tais lideranças representam uma ruptura simbólica que desafia tanto o conservadorismo religioso hegemônico quanto as hierarquias de gênero e sexualidade reproduzidas em diferentes espaços sociais.

Essa ruptura não ocorre sem conflitos. A presença de lideranças LGBTQIAPN+ e brancas na condução do terreiro frequentemente provoca estranhamentos tanto em setores religiosos conservadores quanto em espaços tradicionalistas das próprias religiões afro-brasileiras. Tais tensões revelam como raça, gênero, sexualidade e religiosidade se entrelaçam na produção de disputas sobre legitimidade, autoridade espiritual e pertencimento comunitário.

Os corpos LGBTQIAPN+ que ocupam o terreiro carregam marcas históricas de violência, exclusão e silenciamento social. Nesse contexto, o espaço religioso também se torna território de reconstrução simbólica e corporal, permitindo que esses sujeitos experienciem pertencimento, reconhecimento e legitimidade espiritual por meio de suas corporalidades dissidentes. Conforme Constantino (2023), o terreiro constitui espaço de experimentação corporal e produção de subjetividades, no qual as experiências religiosas não se dissociam das trajetórias de vida e dos marcadores sociais que atravessam os sujeitos. Nesse contexto, as corporalidades dissidentes encontram possibilidades de reconhecimento, pertencimento e reconstrução simbólica.

Faz-se necessário compreender que o protagonismo dessas lideranças não deve ser romantizado, mas sim analisado como parte de uma luta contínua contra a LGBTfobia e o racismo religioso, ainda fortemente presentes no Brasil. As críticas dirigidas a esses espaços, muitas vezes provenientes tanto de setores religiosos conservadores quanto de preconceitos internos à própria comunidade, revelam o quanto ainda é urgente construir práticas efetivamente antidiscriminatórias.

Racismo religioso, branquitude e antirracismo

A condução de uma religião de matriz africana por lideranças brancas exige problematizações. Essa condição gera tensões, já que historicamente os espaços de terreiro foram liderados por pessoas negras, cujas vivências e ancestralidades são diretamente marcadas pela escravidão e pelo racismo. A compreensão do racismo como fenômeno estrutural e historicamente naturalizado exige que a sociedade desconstrua os privilégios racialmente produzidos e enfrente seus efeitos no cotidiano (Munanga, 1999).

Em diferentes momentos da trajetória do TESV, a presença de lideranças brancas na condução da casa provocou questionamentos internos e externos acerca da legitimidade dessa ocupação dentro de uma religião historicamente construída pela resistência negra. Essas tensões emergiram em debates sobre representatividade, apropriação cultural e reprodução de privilégios raciais, exigindo das lideranças um exercício constante de escuta, autorreflexão e revisão de práticas institucionais. As tensões também se manifestaram em situações cotidianas, especialmente em questionamentos relacionados aos lugares de fala, à condução ritual e à visibilidade de lideranças negras nas atividades formativas desenvolvidas pelo terreiro.

Nesse sentido, as próprias lideranças reconhecem as tensões vividas no interior do terreiro, inclusive situações de conflito racial. Longe de serem minimizadas, tais tensões foram assumidas como responsabilidades éticas, levando o terreiro a se comprometer com práticas antirracistas concretas, como debates internos sobre racismo e apoio a movimentos sociais.

Esse compromisso passou a se materializar em práticas concretas, como a ampliação de debates internos sobre racismo religioso e branquitude, incentivo à participação de lideranças negras em atividades formativas, aproximação com movimentos sociais e revisão crítica de discursos e práticas reproduzidos no cotidiano religioso. Tais movimentações não eliminam as contradições existentes, mas demonstram a compreensão de que o enfrentamento ao racismo exige posicionamento político permanente.

Carneiro (2005) alerta que a apropriação sem reconhecimento pode ser forma de violência simbólica. O terreiro, por isso, reafirma que sua missão não é substituir a centralidade negra na umbanda, mas construir práticas coletivas de enfrentamento ao racismo religioso e estrutural.

Ainda assim, reconhecer a branquitude não significa neutralizar automaticamente seus efeitos. As lideranças compreendem que ocupar posições centrais em uma religião afro-brasileira exige vigilância crítica permanente para que práticas de silenciamento, centralização ou apagamento de vozes negras não sejam reproduzidas, mesmo que involuntariamente.

Acessibilidade e ocupação do espaço urbano

Outro ponto singular é a acessibilidade em Libras oferecida no terreiro, sendo o único em Dourados (MS) e região a realizar atendimento a uma consulente surda com o trabalho de intérpretes. Durante toda a abertura da gira e no atendimento, a acessibilidade é garantida, reforçando o compromisso com a inclusão e acessibilidade. Essa prática não apenas garante direitos, mas também denuncia a exclusão histórica de pessoas com deficiência em espaços religiosos, onde muitas vezes não há preocupação com acessibilidade.

A experiência religiosa no terreiro também é atravessada pelas diferentes formas de percepção corporal do mundo. Garantir acessibilidade em Libras significa reconhecer que o corpo comunica, interpreta e experiencia o sagrado de maneiras diversas, ampliando as possibilidades de participação religiosa e pertencimento comunitário.

Em Dourados, cidade marcada pela forte presença de segmentos cristãos conservadores, a visibilidade pública de um terreiro de umbanda localizado em região central frequentemente provoca disputas simbólicas sobre pertencimento religioso, moralidade e ocupação legítima do espaço urbano.

A ocupação de uma região central da cidade também possui dimensão simbólica e política. Historicamente empurradas para as margens urbanas e sociais, as religiões de matriz africana frequentemente foram associadas à clandestinidade e à invisibilidade. Nesse contexto, estabelecer-se no centro urbano representa uma ruptura com lógicas históricas de segregação espacial e religiosa, afirmando o direito das tradições afro-brasileiras à visibilidade pública e à participação legítima na vida da cidade (Almeida, 2019).

Considerações finais

O Templo Escola de Umbanda Iansã Senhora dos Ventos reafirma a umbanda como espaço de luta, resistência e dignidade. Não se trata de apresentar o terreiro como lugar de salvação ou de pureza, mas como território vivo, atravessado por tensões, conflitos e desafios. A experiência com preconceitos e tensões raciais dentro do próprio espaço foi fundamental para assumir a responsabilidade de propor práticas

antirracistas concretas, reforçando que ser branco em uma religião afro exige autorreflexão crítica permanente.

Esse processo, contudo, não ocorre de maneira linear ou concluída. As experiências vividas no terreiro permanecem atravessadas por tensões envolvendo raça, representatividade, branquitude, desafios institucionais e enfrentamentos cotidianos ao racismo religioso. Reconhecer essas contradições impede a romantização da experiência e reforça a compreensão do terreiro como espaço vivo, marcado por disputas, negociações e processos permanentes de construção coletiva. Nesse sentido, a experiência do Templo Escola de Umbanda Iansã Senhora dos Ventos insere-se em um horizonte mais amplo de reflexão sobre o corpo na relação com o sagrado. No terreiro, o corpo é compreendido como território de aprendizagem, memória e resistência, atravessado por marcadores de raça, gênero, sexualidade e espiritualidade. É por meio dele que se manifestam os gestos, as posturas, as sensações e os modos de aprendizado que conectam cada pessoa às entidades e aos fundamentos da religião, evidenciando que a aprendizagem religiosa ocorre pela incorporação de práticas corporais, emocionais e coletivas. Conforme Csordas (2002), o corpo não é apenas objeto da cultura religiosa, mas condição fundamental da experiência do sagrado.

Da mesma forma, Mauss (2003) e Bourdieu (1983) permitem compreender que os modos de agir, sentir e vivenciar a umbanda são socialmente aprendidos e incorporados na prática cotidiana do terreiro, reafirmando que a religião não se restringe a um sistema de crenças, mas constitui uma prática viva que articula fé, identidade, transformação social e produção de saberes.

Este relato, portanto, não se constrói a partir de uma observação externa, mas de uma vivência situada: das lideranças que experimentam no corpo as tensões, responsabilidades e desafios cotidianos de conduzir um terreiro de umbanda. A experiência narrada carrega as marcas da corporeidade e da afetividade, que se entrelaçam às demandas institucionais e comunitárias, revelando o peso ético e político de assumir a liderança em uma religião historicamente marginalizada. Ao reconhecer esse lugar de fala, reafirma-se que a condução do TESV é também uma

prática de cuidado e de resistência, onde a espiritualidade se converte em compromisso coletivo de transformação social.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio Luiz de. 2019. *Racismo estrutural*. São Paulo, Pólen.

ASAD, Talal. 1993. *Genealogies of religion: discipline and reasons of power in Christianity and Islam*. Baltimore, Johns Hopkins University Press.

BARRETO JUNIOR, Jurandir Antonio Sá. 2021. Discriminação legal às religiões de matrizes africanas (1889-1988). *Em favor de igualdade racial*, Rio Branco – Acre, 4(3), p. 115-128, set./dez.

BASTIDE, Roger. 1961. *O candomblé da Bahia: rito nagô*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

BOURDIEU, Pierre. 1983. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática. p.46-81.

CARNEIRO, Sueli. 2005. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese de Doutorado em Educação, Universidade de São Paulo.

CONSTANTINO, Thaisa Monique Batista. 2023. *Corpo encantado: a (in)corporação de caboclas e caboclos no Templo de Umbanda Pai Oxalá*. 2023. Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

CSORDAS, Thomas J. *Body/meaning/healing*. New York, Palgrave Macmillan, 2002.

DOURADOS (Município). Lei 5.171, de 16 de fevereiro de 2024**.** Declara de Utilidade Pública Municipal a Entidade Templo Escola de Umbanda Iansã – Senhora dos Ventos, em Dourados/MS. Diário Oficial do Município de Dourados, Dourados, MS, 16 fev. 2024.

FREIRE, Paulo. 1996. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra.

GONZALEZ, Lélia. 1983. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antonio Machado da (org.). *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: Anpocs. p. 223-244.

MAUSS, Marcel. 2003. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, Cosac Naify, p. 399-422.

MUNANGA, Kabengele. 1999. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, Vozes, 1999.

OLIVEIRA, Bianca Ferreira. 2012. *Pessoa, jocosidade e moral a partir de uma família de santo de Almas e Angola.* Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

RABELO, Miriam. 2022. A religião como prática. *Cultura y Religión*, Iquique, 16(1), p. 236-263.